

CAMINHOS E DESCAMINHOS DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO NO BRASIL

Heloísa Gonçalves Barbosa *

RESUMO: *Um exame do campo dos Estudos da Tradução e Interpretação que detecta e descreve uma crise na área. Por meio de uma retrospectiva histórica, procura-se identificar os motivos para que tais Estudos não tenham alcançado a posição acadêmico-política para eles almejada pelos mais importantes estudiosos e pesquisadores do Brasil e do mundo. São descritas as principais correntes de pesquisa no Brasil, é apontado um impasse no desenvolvimento da área e sugerido um caminho: a articulação eficaz entre pesquisa, ensino e profissão para que não sejam mais invisíveis nem o pesquisador nem o praticante da tradução e da interpretação no Brasil.*

PALAVRAS-CHAVE: *Estudos da Tradução e interpretação, profissão, pesquisa, ensino.*

ABSTRACT: *This article presents an analysis of the field of Translation and Interpretation Studies, identifying and describing a crisis in the area. By means of an historical review, we aim at examining why such studies have not attained the academic and political position aimed by the most important scholars and researchers from Brazil and other countries. We describe the main branches of research in Brazil, point out an impasse in the development of the area and suggest a solution: an effective link between research, teaching and profession so that neither the researcher nor the practitioner of translation and interpretation would be invisible.*

KEYWORDS: *Translation and Interpretation studies, profession, research, teaching.*

Foi uma grande emoção para mim quando ouvi, pessoalmente, em um congresso da ABRAPUI (Associação Brasileira dos Professores Universitários de Inglês), em Poços de Caldas, em 1990, Susan Bassnett afirmar, peremptoriamente, que a disciplina Literatura Comparada devia estar abrigada nos Estudos da Tradução e não o contrário.

De fato, as colocações de Bassnett (por ela repetidas muitas vezes antes e depois) pareciam situar os Estudos da Tradução e Interpretação em seu posto correto: ocupando uma posição de figura de proa na hierarquia das disciplinas, e não um lugar de subordinação em relação a tantas outras, como havia sido sempre o caso. Conforme observou Mary Snell-Hornby (1995, p. 133), por muito tempo, a tradução foi como que uma enteada dos

* Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), doutora em Translation Studies pela Universidade de Warwick, na Grã-Bretanha.

estudos acadêmicos: ¹ deixada às margens, uma questão explorada apenas tangencialmente por seus artífices e, mais tangencialmente ainda, por estudiosos. No entanto, no que pese a grande visibilidade adquirida pelos Estudos da Tradução e Interpretação, a reivindicação de Bassnett nunca se realizou. Antes de finda uma década, Anthony Pym (1999) já se perguntava se os Estudos da Tradução e Interpretação não deviam aprender a viver sem pouso certo e Mona Baker (1999) perguntava se a linguística e os estudos culturais seriam paradigmas complementares ou antagônicos nos Estudos da Tradução e Interpretação, dois questionamentos que evidenciam as inseguranças que permeiam o campo.

Enquanto isso, no Brasil, o mapa da institucionalidade da tradução desenhado por Pym (1999) — Ensino, Linguística, Literatura Comparada, Estudos Culturais — se mostra pequeno para abranger todas as subáreas incluídas na programação do X Encontro Nacional de Tradutores e IV Encontro Internacional de Tradutores, organizado pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução (ABRAPT) e Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), a ser realizado de 7 a 10 de setembro de 2009 em Ouro Preto, MG. Para se ter uma ideia da vastidão do campo, basta examinar as subáreas contempladas no evento: 1. Estudos Interculturais, 2. Historiografia, 3. Tradução Audiovisual, 4. Tecnologias da Tradução, 5. Ensino, Avaliação e Acreditação, 6. Tradução e Psicanálise, 7. Estudos de Corpora, 8. Abordagens Cognitivas e Desempenho Experto em Tradução 9. Tradução Juramentada e Técnica / Especializada, 10. Terminologia, 11. Tradução Literária, 12. Estudos de Adaptação, 13. Estudos Comparados / Contrastivos de Tradução, 14. Tradução Automática, 15. Tradução de Língua de Sinais, 16. Estudos sobre Interpretação, 17. Tradução e Mídia Global, 18. Tradução de Textos Sensíveis.

Trata-se, na verdade, de vinte e duas subáreas, já que algumas delas contêm mais de um aspecto, tal como a subárea 9, que engloba a tradução juramentada, a técnica e a especializada num só item, embora, para o tradutor que atua no mercado, existam aí imensas diferenças. A dificuldade maior, parece-me, surge quando se tenta agrupar essas subáreas em uma área maior que as compreenda, o que aponta para uma pulverização da área, em vez de uma concentração dela em torno de alguma tendência dominante, ou seja, evidencia uma dificuldade na constituição de algo como uma grade área de Estudos da Tradução e Interpretação, ou “*big translation studies*”, como diz Pym (1999, p. 42-43).

Tanto o antagonismo entre vertentes, conforme percebido por Baker (1999), como a falta de tendências dominantes, talvez resultado da busca pela interdisciplinaridade, ou mesmo multidisciplinaridade, trazem o perigo

¹ *Translation is still the step-child of scholarship.*

de uma descaracterização da área, já notado por Martins (1999, p. 7), com consequências deletérias para Estudos da Tradução e Interpretação. Por um lado, esses estudos têm tendido a encaixar-se nos mais diversos espaços e, ao mesmo tempo, abrir-se para um número expressivo de contribuições de militantes de outras áreas.

Heidrun Krieger Olinto (1999, p. 105), ela mesma estranha ao campo dos Estudos da Tradução e Interpretação, que entende o campo como se tratando de um ofício, observa:

um primeiro olhar sobre referências bibliográficas recentes nos ensaios acerca do ofício de traduzir enxerga uma frequência crescente de visitantes do campo da teoria da literatura, mesmo quando o objeto de investigação não tenha vínculo específico com o chamado fenômeno literário.

Esta falta de vínculo se faz notar também quando dissertações de mestrado e teses de doutorado versando sob os Estudos da Tradução e Interpretação são orientadas e examinadas por pesquisadores sem tradição na área, quando pelo menos uma revista inteira é publicada com referências bibliográficas inteiramente da década de 1960, quando mini-cursos em eventos são ministrados com apoio em bibliografias semelhantes.² Há inúmeros pesquisadores de peso na área que trabalham em instituições onde não se ensinam tradução e interpretação (na maioria, instituições públicas ou confessionais de ensino superior), bem como há um número elevado de instituições de ensino superior (na maioria, instituições particulares), onde se ensinam o ofício da tradução e da interpretação, em diversos níveis (bacharelado, especialização e extensão), mas nas quais não se faz pesquisa (ver BARBOSA, 2004).

Ao presidir duas mesas redondas especificamente sobre Estudos da Tradução e Interpretação, em congresso internacional de Literatura Comparada, não só ouvi uma professora emérita de grego de importante universidade inglesa explicar como ensinava sua matéria (pelo conhecido “método latino” ou seja, pelo “*grammar translation method*”, daí, talvez, sua ligação com a área), como ouvi uma pesquisadora alemã, que acabava de encontrar os escritos de Schleiermacher (1813/2001), comunicar à plateia o que acreditava ser sua descoberta, acrescentado que acreditava ser Schleiermacher um grande nome a que os Estudos da Tradução e Interpretação deveriam estar atentos! Durante o debate que se seguiu, a pesquisadora demonstrou total desconhecimento da obra de Venuti (1995, em particular), ou seja, comprovou cabalmente sua não-inserção no campo

² Todas essas situações ocorreram em diversos Departamentos de minha instituição de origem. Certamente ocorrem em outras.

dos Estudos da Tradução e Interpretação. Vários colegas têm-me relatado experiências semelhantes, de testemunharem interferências de pesquisadores que participam de congressos da área desconhecendo-a, de uma forma que seria, talvez, impossível, em um congresso de Análise do Discurso, ou mesmo um que versasse a respeito do pensamento de Derrida. Essas ocorrências trazem à mente a dúvida se a tradução não continua sendo a enteada dos estudos acadêmicos, conforme cogitou Snell-Hornby (1995, p. 133). Essas minhas observações não refletem um desejo de hermetizar a área, mas de exigir, de seus praticantes, uma familiaridade com os conhecimentos básicos que a constituem.

Por outro lado, muitas vezes devido à falta de apoio institucional e dos órgãos de fomento, pesquisadores de grande tradição na área têm sido impossibilitados de comparecer aos principais eventos e fóruns dos Estudos da Tradução e Interpretação, sendo obrigados a privilegiar eventos maiores em outros campos mais consolidados e, conseqüentemente, que usufruem maior apoio, assim deixando de dar sua contribuição acadêmica e política à própria área de investigação a que se dedicam. Há pesquisadores, cujos doutorados versaram sobre a questão da tradução, que já declaradamente abandonaram a área, por perceberem que teriam maiores possibilidades de atuação e desenvolvimento em outros campos de estudo.

Talvez sejam esses os motivos pelo quais, apesar dos esforços hercúleos encetados por Fábio Alves (UFMG) e João Azenha (USP), respectivamente coordenador e subcoordenador do GT de Tradução da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística), no biênio 2004-2006, para conseguir “a inclusão da tradução como subárea, no elenco de rubricas da CAPES e do CNPq”, uma vez que os membros do grupo “entendem ser necessário continuar investindo no aspecto político do fortalecimento dos Estudos da Tradução e Interpretação no país” (ALVES e AZENHA, 2006), tal inclusão não foi obtida.³

Na “Tabela das áreas do conhecimento” adotada atualmente pelo CNPq (2009), a Grande Área 8, “Linguística, Letras e Artes” compreende as seguintes áreas: Linguística, Teoria e Análise Linguística, Fisiologia da Linguagem, Linguística Histórica, Sociolinguística e Dialetoлогия, Psicolinguística, Linguística Aplicada, Letras, Língua Portuguesa, Línguas Estrangeiras Modernas, Línguas Clássicas, Línguas Indígenas, Teoria Literária, Literatura Brasileira, Outras Literaturas Vernáculas, Literaturas Estrangeiras Modernas, Literaturas Clássicas, Literatura Comparada.⁴ Na tabela que o órgão submeteu a discussão (CNPq 2006), a grande área passaria a chamar-se “Linguagens e Artes”, a qual seria subdividida em três

³ De fato, a comunidade acadêmica de Letras e Linguística, em conjunto, não teve sucesso em reformular a configuração das áreas e subáreas de pesquisa junto a essas entidades de fomento.

⁴ A página do órgão não apresenta as subáreas.

areas, cada uma com várias subáreas, conforme se vê no quadro abaixo:

Quadro I - Grande Área: Linguagens e Artes

1. Área – Linguagem	2. Área – Línguas	3. Área – Literatura
<p>Teoria da Linguagem Verbal</p> <p>Teoria e Análise do Discurso</p> <p>Teoria e Análise do Texto</p> <p>Linguagem Verbal Não Oral</p> <p>Linguagens Não Verbais</p> <p>Linguagens Sincréticas</p> <p>Teoria e Prática da Tradução</p> <p>Filosofia da Linguagem</p> <p>História das Ideias Linguísticas</p>	<p>Fonética e Fonologia</p> <p>Morfologia e Sintaxe</p> <p>Semântica</p> <p>Lexicologia, Lexicografia e Terminologia</p> <p>Variação Linguística</p> <p>Mudança Linguística</p> <p>Uso Linguístico</p> <p>Aquisição da linguagem</p> <p>Patologias da Linguagem</p> <p>Tratamento Automático das Línguas</p> <p>Língua Portuguesa</p> <p>Línguas Clássicas</p> <p>Línguas Estrangeiras</p> <p>Modernas</p> <p>Línguas Indígenas</p> <p>Outras Línguas</p>	<p>História da Literatura</p> <p>Teoria da Literatura</p> <p>Literatura Comparada</p> <p>Literaturas Vernáculas</p> <p>Literaturas Clássicas</p> <p>Literaturas Estrangeiras</p> <p>Modernas</p> <p>Literatura Infantil</p>

Nesta tabela, os Estudos da Tradução e Interpretação são classificados como pertencentes à área 1. Linguagem, e constituindo a subárea Teoria e Prática da Tradução a qual, supostamente, seria capaz de abranger todas as subáreas contempladas no X Encontro Nacional de Tradutores e IV Encontro Internacional de Tradutores. Fica patente, portanto, um descompasso entre a percepção e anseios dos que atuam no campo e a avaliação que fazem os que estão de fora dele.

Na base de dados do CNPq, uma busca por “tradução” na Plataforma Lattes, que engloba currículos de pesquisadores de diversos níveis, bem como o cadastro dos grupos de pesquisa no país, mostra que a tradução aparece como uma “produção” em si, quer dizer, pesquisadores das mais diversas áreas (desde agronomia até zoologia) fazem traduções — sem que tenham formação na área ou que pesquisem a questão da tradução. No que se refere aos grupos de pesquisa, o que se observa é que a tradução, mais uma vez, em lugar de ser o foco da maioria das pesquisas dos grupos cadastrados, buscados pela rubrica “tradução”, é um subproduto delas. Ou seja, uma pesquisa a respeito da Idade Média, por exemplo, pode ter como resultado uma tradução — não necessariamente de textos medievais, mas

de textos contemporâneos sobre a Idade Média (ver BARBOSA, 2008).

Recentemente, a CAPES condescendeu em aceitar traduções como produção de docentes para fins de avaliação dos programas de pós-graduação. Ao contrário de constituir um avanço para o pesquisador em Linguística, Letras e Artes — ou mesmo em Linguagens e Artes — (onde se encontra a maioria dos pesquisadores em tradução), tal decisão beneficia primordialmente pesquisadores das chamadas áreas duras (química, física, biologia, ciências da saúde), que realizam e publicam traduções em suas respectivas áreas. Isso desloca a tradução da posição de uma disciplina consolidada, para um fazer que não exige qualquer formação ou treinamentos específicos, além do simples conhecimento do assunto, acoplado a uma certa medida de conhecimento das línguas envolvidas.

Essas duas situações da tradução na base de dados do CNPq revelam como ela é entendida ainda por muitos: não como um campo de pesquisa, mas como um fazer. Vê-se, portanto, que, até hoje, como observou Snell-Hornby (1995, p. 134), os Estudos da Tradução e Interpretação se vêm, muitas vezes, “tolhidos pelas restrições da burocracia e do preconceito.”⁵ Para se tentar explicar esta situação ao despontar do terceiro milênio, é preciso olhar para trás um pouco.

O que se testemunhou, nos anos 90, foi uma explosão dos Estudos da Tradução e Interpretação, testemunhada, no mundo todo, pelo grande número de mestrados e doutorados versando sobre o tema, pelo crescimento vertiginoso do número de publicações específicas da área (livros e periódicos acadêmicos), pela realização de inúmeros eventos (acadêmicos ou não) dedicados ao assunto, sem falar, obviamente, na criação de incontáveis cursos de formação de tradutores e intérpretes.

Pode-se afirmar que esse crescimento da área, impulsionado, a partir de década de 1950, pelos escritos de Georges Mounin (1955, 1963, 1965, 1976), além de Vinay e Darlbenet (1958, 1995),⁶ deveu-se aos esforços da própria Susan Bassnett (1980, 19993) ao lado de nomes como André Lefevere (1975, 1977, 1977a, 1992, 1992a, 1992b), John Holmes (1970, 1978, 1988) e Theo Hermans (1985, 1985a), que se salientavam desde a década de 1970, e que culminaram, nas décadas de 1980 e 1990, com a publicação de obras que marcaram os destinos dos Estudos da Tradução e Interpretação introduzindo, por exemplo, a questão da “manipulação da literatura” pela prática tradutória.

Rumos ainda mais certos foram dados à área quando se difundiram as contribuições de Snell-Hornby (1988/1995, p. 24) — que davam uma

⁵Hampered by the constraints of bureaucracy and prejudice.”

⁶Com diversas edições em francês, o livro só foi traduzido para o inglês em 1995, o que, contudo, serve de comprovação de sua vitalidade e atualidade.

“virada cultural” à questão da tradução, a qual passava a ser vista como um fato histórico, não mais como algo que se realiza no nível da palavra, nem mesmo no nível do texto em situação, mas como entidade sócio-histórica capaz de influenciar e ser influenciada pelo entorno.

As ideias de Gideon Toury (1979, 1980, 1981, 1985, 1987, 1995), desde 1985, abriram mais a questão da tradução, reposicionando-a no polissistema literário traçado por Even-Zohar (1979). Lawrence Venuti (1986, 1992, 1998, 1999), por sua vez, trouxe para dentro da disciplina acadêmica as questões voltadas ao baixo status atribuído ao tradutor e às traduções (pelo menos) nas sociedades ocidentais.⁷

Multiplicaram-se as análises de traduções, muitas calcadas no modelo de Lambert e Van Gorp (1985), seguindo a sugestão de Toury (1985) de que tais análises eram necessárias para o desenvolvimento de uma Teoria da Tradução, constituindo, assim, as vertentes dos Estudos Descritivos da Tradução. Estudos desse tipo não mais deixaram de abraçar os aspectos sócio-históricos que envolvem a tradução e a historiografia da tradução adquiriu um ímpeto jamais visto, provavelmente constituindo a mais instigante área de estudos desse campo.⁸

Mona Baker, por sua vez, auxiliou a consolidação da área não só com a fundação da editora St Jerome Publishing (em 1995) inteiramente dedicada aos Estudos da Tradução e Interpretação, área em que publica livros e periódicos, mas como organizadora da primeira grande enciclopédia da área (BAKER, 1998), e também como pesquisadora que vem abrindo caminho na área investigativa da linguística de corpus no campo da tradução — o que não exclui seus interesses em: tradução e conflito, ética na pesquisa em tradução e treinamento de tradutores e intérpretes, aplicação da teoria narrativa à tradução e interpretação, Comunidades Ativistas em Estudos da Tradução e Interpretação, “por exemplo, Babels, Tlaxcala, Translators for Peace, ECOS etc.” (BAKER, 2006).

Essa designação de interesses tão diversificados já serve como indicador de que tamanha é a atividade no campo dos Estudos da Tradução e Interpretação no mundo, com tentáculos que se irradiam da Europa e dos Estados Unidos, chegando da Ásia e África à América do Sul, que se torna impossível qualquer tentativa de resgatar tudo que foi realizado nos últimos vinte anos. Mas é possível tentar uma análise do panorama dos Estudos da Tradução e Interpretação no Brasil.

⁷ Toda essa evolução da área está traçada, ao menos em parte, em Larose (1989), Gentzler (1993); Vieira (1996) e Aguiar (2000). Um outro tipo de histórico é apresentado em Barbosa (2001).

⁸ Toda essa evolução da área está traçada, ao menos em parte, em Larose (1989), Gentzler (1993); Vieira (1996) e Aguiar (2000). Um outro tipo de histórico é apresentado em Barbosa (2001).

corrente de pensamento não parece prestar serviço aos Estudos da Tradução e Interpretação. Revela-nos que o tradutor é logocêntrico e inocente deste fato, mas, uma vez isso provado, pouco caminho parece restar a ser percorrido pela disciplina.

Parece-me, além disso, que esses estudos se contrapõem a tentativas de análise e avaliação de traduções, já que, levados a extremos, como, infelizmente, tem acontecido, trazem a implicação de que, ao se abraçar essas ideias até às últimas consequências, tudo, absolutamente tudo, vale em tradução, uma vez que ninguém é totalmente responsável pelos sentidos que cria. Assim, conforme vi debatido recentemente, a palavra “terreiro”, no sentido de “terreiro de macumba”, bem como “terreiro”, no sentido de “quintal” (uso comum em algumas regiões do Brasil, inclusive o interior dos Estados de Minas Gerais e São Paulo), poderia ser traduzida, para o inglês, indiferentemente, por qualquer das palavras e expressões oferecidas pelo dicionário, entre elas “terrace”, “court”, “yard”, “courtyard”, “backyard, esp. a planted one”, “public place”, “square”, “square terrace”, “roof terrace”, “flat open terrace on which coffee beans etc. are spread to dry”, “cleared land in front of a farm house”, “any locale where voodoo rites are practised” ou “place where Afro-Brazilian fetichism is practiced, such as macumba and candomblé” (NOVO MICHAELIS, 1971, p. 1222; TAYLOR, 1970, p. 608; WEBSTER’S ONLINE DICTIONARY, 2009), já que, dentro dessa linha de pensamento, qualquer crítica à escolha lexical efetuada pelo tradutor seria uma atitude autoritária de prescrição — uma referência às teorias prescritivas de antanho, que se contrapõem às modernas teorias descritivas — pois qualquer sentido pode ser criado, a qualquer momento, por escritor e/ou leitor.

Esse exemplo demonstra a dificuldade da aplicação desta corrente de pensamento à prática e ao ensino da tradução e da interpretação. Além disso, deixa uma impressão de que poderia, talvez, causar angústia, insegurança e desconforto por parte daquele que ensina e por parte daquele que aprende a traduzir. Desta forma, foi sem muita surpresa que, em diversos eventos acadêmicos da área, ouvi mais de um palestrante, que antes se alinhava com o pensamento de Derrida, ali expor dúvidas quanto a sua aplicabilidade direta ao ensino, descrição e avaliação de traduções. Isso me leva a crer que, embora essa linha de pesquisa continue a existir e a produzir, talvez esteja cedendo lugar a outros modos de pensar que possam ter uma proficuidade mais imediata, pelo menos no ensino da tradução e da interpretação, sem falar nas análises de traduções.

Momentaneamente, à medida que se esgotava o interesse mais central na desconstrução como possibilidade para os Estudos da Tradução e Interpretação, surgiram, no Brasil, o interesse e as indagações em torno do pós-colonialismo, na esteira da virada cultural (ver BASSNETT e TRIVEDI, 1999). Essa linha de pesquisa se origina com pensadores das

antigas colônias inglesas e francesas, na África e na Ásia, cuja independência foi obtida na segunda metade do século XX. Estudiosos brasileiros viram, aí, a possibilidade de se irmanar com nossos colegas colonizados e abraçar sua visão de mundo. No entanto, neste empreitada, esqueceram a história: o Brasil se tornara independente mais de cem anos antes desses países. Foi no momento em que, em grande medida, se inviabilizaram as colônias na América, a partir da independência dos Estados Unidos, em 1776, que ingleses, franceses, alemães e belgas se voltaram com maior intensidade para Ásia e África. Ali ficaram, de tal modo que alguém nascido já na segunda metade do século XX (por exemplo, 1958) nasceu em uma colônia e tem passaporte e, portanto, cidadania, iguais aos do colonizador.

No entanto, é concebível pensar que o bisavô de um brasileiro nascido em 1958 aqui chegou depois de 1822, imigrando, de livre e espontânea vontade, para um país independente. Pouco tem a compartilhar com seu irmão africano, em termos de ter sido colonizado. Observe-se que, em escritos de teóricos da literatura africanos, vê-se ainda a dificuldade de estabelecer o que é literatura africana, se aquela escrita pelo africano na língua do colonizador, se aquela escrita a respeito da África, pelo colonizador, em seu próprio idioma. Em alguns casos, nem se cogita da literatura na língua autóctone, pois esta é, no mais das vezes, ágrafa. Essas questões, no Brasil, estão resolvidas há quase duzentos anos. Desta forma, sempre me pareceu muito difícil, se não impossível, compartilhar de forma plena a experiência da colonização com meus irmãos africanos e asiáticos.

Por mais estranho que pareça, a experiência de colonização no Brasil guarda semelhanças maiores com a dos Estados Unidos, em termos não só de suas datas, mas de suas dimensões de países continentais diante de um colonizador pequeno. Também das proporções internacionais gigantescas assumidas por esses países *vis-à-vis* seu colonizador. O que parece ser o caso hoje, conforme já defendi outras vezes, é o de uma situação de neocolonização dos Estados Unidos em relação ao Brasil. Surpreendentemente, alguns simpatizantes parecem justificar a perspectiva do pós-colonialismo nos Estudos da Tradução e Interpretação no Brasil por meio da relação de nosso país precisamente com os Estados Unidos, numa demonstração de entusiasmo político inversamente proporcional a seu rigor analítico histórico e econômico.

Foi com um certo alívio, portanto, que, na reunião do GT de Tradução da ANPOLL, no XXI Encontro Nacional da ANPOLL, realizado de 19 a 21 de julho de 2006, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC - S. Paulo), ouvi, de pesquisadores que se haviam alinhado aos estudos pós-coloniais, a opinião de já se abandonava essa tendência, por entender que sua abrangência era mais limitada do que se percebera de início.

Mais recentemente, no Brasil, procuram-se novos rumos na Análise do Discurso de diferentes linhas. Porém, tendo participado de defesas de

Aqui, a história não é muito diferente. A reflexão em torno da tradução se inicia por aqueles que a praticam e que tendem a assumir posturas prescritivas, como é o caso de Paulo Rónai (1952, 1976). Mas, com os primeiros mestrados e doutorados obtidos na área, alguns realizados no exterior, com a realização de encontros de tradutores, a publicação de livros de pesquisadores brasileiros e a intensa tradução de obras de pesquisadores estrangeiros, toma corpo um tipo diferente de reflexão, agora acadêmica e calcada em pensamentos teóricos abalizados. Desde o final da década de 1960, são criados cursos de bacharelado em tradução e interpretação, até que surge o primeiro curso de mestrado e doutorado especificamente em Estudos da Tradução e Interpretação, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Hoje, há pelo menos três periódicos acadêmicos brasileiros dedicados à questão da tradução, além de inúmeras obras monográficas ou coletâneas publicadas de modo ininterrupto por editoras universitárias ou por grandes editoras de nível nacional.

Olhando de perto a pesquisa em tradução no Brasil, pode-se dizer que, por muito tempo, a vertente de estudos que predominou, ao contrário do que previam Bassnett (1980) e Gentzler (1993), não foi a que se preocupou com as teorias antropofágicas dos irmãos Campos (1972, 1976),⁹ mas os estudos em torno do pensamento de Jacques Derrida, encabeçado por Rosemary Arrojo (1986, 1992, 1993). Esta, teórica de grande influência, não só por suas publicações, mas também pelas suas atividades associativas (no GT de Tradução da ANPOLL, que coordenou, por exemplo), acadêmicas e de ensino, e pelas orientações de estudos de pós-graduação que realizou¹⁰ foi seguida de perto não só por Paulo Ottoni (1998, 2005), mas por muitos outros pesquisadores, alguns ligados mais diretamente a departamentos voltados para o estudo da língua e literatura francesas.

No entanto, essa vertente parece ter atendido mais à filosofia, em particular à filosofia da linguagem, do que propriamente aos Estudos da Tradução e Interpretação. Ao explorar a questão da mediação entre o sujeito e o objeto, sem, naturalmente, esgotá-la, elegeu o fenômeno da tradução como seu caso particular — no ato tradutório, o intermediário é um sujeito explícito, o que torna esse fenômeno o caso particular da comunicação humana ideal para a elaboração e o aprofundamento da questão. Porém, acredito, ao negar até mesmo a possibilidade da comunicação humana e, portanto, a da tradução como seu caso particular (DERRIDA, 1972/1990,

⁹ Acredito, mesmo, que a veiculação das idéias acerca da Antropofagia na Inglaterra e, depois, nos Estados Unidos, se deveu muito mais a um entusiasmo pessoal de Susan Bassnett pelo assunto do que a qualquer relação proporcional com a difusão ou prática do pensamento antropofágico no âmbito dos Estudos da Tradução no Brasil.

¹⁰ Por exemplo, Frota (2000) e Rodrigues (2000).

1985), essas teses e exames de qualificação que se propõem a aplicar a Análise do Discurso à questão da tradução, constatei que, embora tais pesquisas tenham-se aprofundado na vertente selecionada da Análise do Discurso — sobre o que discorrem muito bem —, não foram capazes de realmente aplicar essa disciplina nem à análise das traduções examinadas, nem à da situação sócio-histórica em que foram realizadas. Não encontrei, nessas pesquisas, uma ponte firme entre Análise do Discurso e Estudos da Tradução e Interpretação, mas apenas cotejamentos um tanto impressionistas entre originais e textos traduzidos, utilizando termos como “tradução literal” e “tradução não-literária” sem apoiar-se em qualquer referencial teórico, alguns se pautando em comentários prescritivos de Paulo Rónai (1952) como se nada tivesse transcorrido em cinquenta e sete anos de pesquisa e produção acadêmica. Conceitos como “equivalência” e mesmo a dicotomia “original-tradução”, fortemente questionados pelos teóricos da desconstrução, são usados a-criticamente, demonstrando o que pode ser visto como uma falha na inserção dessas pesquisas no campo dos Estudos da Tradução e Interpretação.

Os Estudos de Corpora, por outro lado, parecem-me um caminho interessante para os Estudos da Tradução e Interpretação no Brasil. Advindos da Linguística, tomando como ferramenta a computação, esse tipo de pesquisa, propulsionado por Mona Baker, trazia para dentro da área a tecnologia de ponta. No entanto, o que se evidencia, até agora, é que uma quantidade enorme de investimento de recursos — na criação de softwares, na compilação bancos de textos e no processamento desses dados — é necessária para produzir pequenos resultados.¹¹ Além disso, dois problemas centrais se colocam frente à metodologia empregada. Primeiro, ao cotejar originais e traduções na tentativa de deduzir e quantificar os procedimentos (ou modalidades) técnicos da tradução empregados, é preciso recortar o texto para a análise computacional. Assim, a segmentação, quase que no nível da palavra, impõe resultados que levam, quase sempre, à conclusão de que a tradução literal é o procedimento mais utilizado na tradução no sentido inglês-português — duas línguas de sintaxe muito diversa, o que levaria a pensar em divergências maiores, forçando a utilização de procedimentos tradutórios mais complexos. No que tange ao léxico, o computador não distingue usos diversos da palavra “terreiro”, como exemplificado acima, por exemplo (que pode ser adjetivo também), tratando-o como um só item lexical, ou seja, parece não haver espaço para a polissemia na ferramenta. Seria possível dizer, portanto, que falta ainda

¹¹Sobre a metodologia, ver Magalhães (2001) e Camargo (2007).

refinar a metodologia, ou que o pesquisador recorra a teorias mais sólidas para formular suas perguntas. Sobretudo, conforme relatou Mona Baker em palestra plenária no 2º Congresso Internacional de Tradução e Interpretação da ABRATES (Associação Brasileira de Tradutores), “O tradutor no mundo sem fronteiras, desafios e oportunidades”, realizado de 14 a 15 de setembro de 2007, no Hotel Sofitel, Rio de Janeiro, não se conseguiu, até agora, encontrar as melhores perguntas a serem formuladas pelo pesquisador que utiliza o ferramental, o que ainda constitui grande desafio.

Como se pode vislumbrar, não há qualquer dúvida quanto ao fato de que, no Brasil, a área dos Estudos da Tradução e Interpretação se expandiu e se diversificou, desde os anos 1980, englobando aspectos que nem se cogitavam antes da década de 1950, mas que se desenvolveram paulatinamente, par a par com as demais preocupações teóricas. Em certa medida, não só no Brasil, mas em todo o mundo, porém, os Estudos da Tradução e Interpretação parecem-me ter retornado à situação em que estavam na década de 1960 quando Georges Mounin (1963) explorava todas as possíveis teorias e todos os desenvolvimentos da linguística para tentar ali encaixar a tradução. O momento é semelhante. Desde que Lawrence Venuti publicou suas principais obras, nada parece ter surgido de novo no front dos Estudos da Tradução e Interpretação: nenhum grande teórico apareceu, nenhuma outra obra seminal foi publicada.

O que me parece estar ocorrendo é que os Estudos da Tradução e Interpretação, ao contrário de constituírem um corpo teórico forte, têm procurado seguir a reboque dos rumos de outras áreas para constituir sua prática — e não só no Brasil. Por exemplo, quando Sperber e Wilson (1986) abordaram a Teoria da Relevância, logo Gutt (1991) aplicou-a à questão da tradução, e diversas pesquisas foram feitas com esse referencial em todo o mundo, inclusive no Brasil (ver ALVES e GONÇALVES, 2006), com excelentes resultados, pois não são estes que estão sendo questionados.

Ainda acompanhando tendências mundiais, uma vertente produtiva de pesquisa no Brasil, acredito, tem sido a pesquisa em torno do processo tradutório, surgida na Alemanha, com expoentes, hoje, na Dinamarca e na Espanha. Nessas pesquisas, utilizam-se metodologia (protocolo de processamento verbal, por exemplo) e ferramental específicos (o software Translog, por exemplo), para tentar saber o que vai pela cabeça do tradutor no momento em que traduz, procurando-se, também, identificar as diferenças entre os processos cognitivos de tradutores aprendizes e tradutores experientes.¹² Embora a metodologia sofra a conhecida limitação

¹²Sobre a metodologia, ver Gonçalves (2001), Rothe-Neves (2001) e Alves (2001). Para resultados, ver Alves (2003).

de que não é possível de fato saber o que se passa na cabeça dos sujeitos investigados, muito tem contribuído e ainda tem a contribuir para o ensino e a formação de tradutores e intérpretes, conforme se vê em Pagano, Magalhães e Alves (2005).¹³ Seria na interface pesquisa / ensino / profissão, talvez, que grandes avanços poderiam ser feitos no sentido de integrar e valorizar os Estudos da Tradução e Interpretação. Salta aos olhos nas rubricas oferecidas pelo X Encontro Nacional de Tradutores e IV Encontro Internacional de Tradutores, uma preocupação, salutar, acredito, com o “fazer” da tradução, abordado em nada menos do que dez das dezoito subáreas elencadas: 3. Tradução Audiovisual, 4. Tecnologias da Tradução, 5. Ensino, Avaliação e Acreditação, 8. Abordagens Cognitivas e Desempenho Experto em Tradução, 9. Tradução Juramentada e Técnica/Especializada, 14. Tradução Automática, 18. Tradução de Textos Sensíveis, 16. Estudos sobre Interpretação, 15. Tradução de Língua de Sinais, 17. Tradução e Mídia Global.

É natural que o fazer da tradução ocupe posição tão central. Afinal, já em 1995, Snell-Hornby (1988/1995, p. 134-35) dava uma explicação convincente sobre a necessidade de estudiosos, praticantes e professores unirem-se diante das dificuldades do exercício da profissão e do crescimento da área:

Com os atuais desenvolvimentos internacionais e econômicos, e com o ritmo alucinante do progresso tecnológico, o perfil do tradutor está sofrendo transformações rápidas, que demanda não só competência linguística, mas também uma vasta gama de conhecimentos culturais e enciclopédicos e, acima de tudo, um alto grau de especialização em campos temáticos. Com o constante crescimento da necessidade de informações instantâneas através das barreiras linguísticas, compreensão internacional e comunicação global, a disciplina dos Estudos da Tradução e a profissão do tradutor e do intérprete continuarão a desempenhar um papel crucial, e dependerá da habilidade de acadêmicos, praticantes e professores fazer justiça a esse papel e fazer ou não com que os Estudos da Tradução venham a ser uma história de sucesso no século XXI.¹⁴

¹³ Uma vez que é impossível tratar aqui de todas as pesquisas correntes no Brasil, decidi não mencionar pesquisas na área de *skopos*theorie (ver ALVES e SCHEIBLE, 1996; SCHÄFFNER 1998) nem pesquisas versando sobre avaliação da qualidade de traduções (ver HOUSE, 1981, 1998), entre outras. Williams e Chesterman (2002) mapeiam muito bem as imensas possibilidades de linhas de pesquisa nos Estudos da Tradução e Interpretação.

¹⁴ “With the present international and economic developments and the breathtaking pace of technological progress, the job profile of the translator is undergoing rapid changes, demanding not only language competence but also a wide range of cultural and encyclopaedic knowledge and above all a high degree of subject area expertise. With the steadily increasing need for instant information across the language barriers, international understanding and global communication, the discipline of Translation Studies and the profession of the translator and interpreter will continue to play a crucial role, and it will depend on the ability of scholars, practitioners and teachers to do justice to this role whether Translation Studies will develop into a success story of the 21st century.”

A autora comenta, também, a respeito das “dúvidas gigantescas expressas por graduados e empregadores quanto ao fato de alunos estarem sendo adequadamente preparados para sua futura profissão”¹⁵ acrescentando que “a recém-estabelecida disciplina dos estudos da tradução precisa decidir a respeito de programas de estudo de eficácia ótima para os futuros membros da profissão” (SNELL-HORNBY, 1988/1995, p. 132)¹⁶

Esta era a situação que a autora observava há duas décadas na Europa, mas que continua a ser premente no Brasil, não só porque, ainda conforme Snell-Hornby (1988/1995, p. 134) “os institutos ainda têm problemas em emancipar a si mesmos e a seus currículos da influência dos tradicionais departamentos de línguas.”¹⁷ Em nosso país, a totalidade dos cursos de formação de tradutores e intérpretes está vinculada a cursos de Letras. Seus currículos são, em geral, iguais aos dos alunos que se estão preparando para a carreira docente, dos quais foram eliminadas as últimas disciplinas de literatura, que foram substituídas por disciplinas específicas de formação profissional. Muitos desses currículos são calcados nos das universidades federais, cuja maioria não sofre mudança desde a década de 1960. Os docentes dos cursos de formação de tradutores e intérpretes também são os mesmos dos cursos de formação de professores, muitos sem qualquer preparação ou treinamento na área, sendo que apenas uma pequena minoria dos cursos conta com docentes com experiência profissional em tradução e/ou interpretação, pois até mesmo alguns pesquisadores de renome não têm qualquer experiência de atuação profissional. A maioria dos cursos não dispõe de equipamentos computacionais para o treinamento de profissionais da tradução ou de equipamentos de áudio para o treinamento de intérpretes. Talvez por esses motivos, diminui a cada ano o percentual de aprovados nos exames de credenciamento da ABRATES. Por outro lado, o mercado se recusa a remunerar tradutores em patamares aceitáveis, sequer contemplando os valores recomendados pelo sindicato (SINTRA, 2009).¹⁸ Somente os intérpretes de conferência conseguem manter o patamar de remuneração recomendado. Acredito que tal se deva à força

¹⁵“Massive doubts are expressed by graduates and employers as to whether students are being properly trained for their future profession.”

¹⁶“The newly established discipline of translation studies must decide on optimally effective study programmes for the future members of the profession.”

¹⁷“The institutes still have problems in emancipating themselves and their curricula from the influence of the traditional language departments.”

¹⁸ No caso da tradução literária, por exemplo, a mais pesquisada, porém a mais mal-remunerada, não se paga ao tradutor mais de R\$ 19,00 por lauda de 2.100 caracteres, enquanto o órgão de classe recomenda R\$ 24,00 (SINTRA, 2009). Com uma produção de 10 laudas por dia de oito horas de trabalho árduo, o tradutor autônomo teria como renda R\$ 190,00 por dia, R\$ 4.275,00 brutos (sem descontos de INSS, ISS e IRRF), por mês de 22,5 dias úteis, número padrão para cálculos trabalhistas. Dez laudas / dia é a produção almejada pelo tradutor muito experiente. Para atingir esta produção, geralmente, necessita-se de 8 horas trabalhadas, sem contar pausas para o cafezinho ou papos no telefone. Desta forma, não constitui uma produção que preze a qualidade, mas, sim, a quantidade — e a remuneração no final do mês.

associativa dos profissionais, bem como às características do trabalho, que exige a formação de equipes e força a concorrência entre elas (ver BARBOSA, 2006). Os tradutores, ao contrário, costumam trabalhar de modo totalmente isolado, jamais se encontrando face a face, e somente suas listas de discussão e blogs têm sido fóruns onde debaterem suas questões. Infelizmente, porém, sua força política tem sido limitada (ver SOBRAL, 2008).

Algumas questões, muito além da remuneração, ainda permanecem sem solução. Uma delas é o plágio de traduções que vem sendo perpetrado por algumas editoras. Outra é o não-cumprimento da lei dos direitos autorais, pois as editoras forçam os tradutores a cedê-los em troca da remuneração pelo trabalho de tradução. Finalmente, nem mesmo alguns pesquisadores abalizados na área dos Estudos da Tradução e da Interpretação preocupam-se em nomear os tradutores das obras que citam em suas bibliografias, nem tampouco cuidam que seus orientandos o façam, apesar da recomendação da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

Olhando para a situação que delineei aqui, parece-me que a força política de que os Estudos da Tradução e Interpretação necessitam só pode vir de uma ação conjunta de pesquisadores, professores e profissionais, por meio de suas respectivas entidades de representação. O mundo acadêmico já percebe isso. Tanto é que uma das metas do GT de Tradução da ANPOLL foi e continua sendo precisamente uma aproximação entre esses grupos. De fato, vários representantes de associações profissionais foram convidados a comparecer à última reunião do GT e ali estiveram presentes (ver BARBOSA e ESTEVES, 2008). Foi difícil o diálogo, tamanha é a distância entre objetivos e metas de acadêmicos e profissionais. Por um lado, os acadêmicos se vêem forçados a atender as necessidades de produção para fins de satisfazer as normas da CAPES, portanto não podendo abrir mão de apresentar suas comunicações em prol de um debate fundamental para a área. Por outro, os profissionais não têm qualquer concepção da vida acadêmica, o que lhes impede sequer de acompanhar o debate, e preocupam-se primordialmente com a questão da remuneração, enquanto mantêm uma atitude quase que de reserva de mercado. Um caminho a seguir seria que a pesquisa se voltasse mais para o ensino: até hoje, somente um grupo de pesquisadores brasileiros produziu um livro dedicado especificamente para a formação do tradutor (ALVES, MAGALHÃES e PAGANO, 2000). Para tanto, seria preciso que a universidade brasileira, principalmente a pública, vencesse suas dificuldades de relacionamento com o mercado, em especial no que se refere à área de Letras. Um passo à frente já parece ter sido dado, com a inclusão da pesquisa acerca da tradução de língua de sinais no âmbito acadêmico, tema que foi incluído no próximo grande congresso da área — mostrando um antenamento com as necessidades práticas do país, aos quais geram a necessidade da reflexão

teórico-acadêmicas.

O ideal é que todos conseguissem encontrar o caminho do meio, pois a hora é essa. A área está em crise: seriam os estertores da morte ou a agonia do renascimento? Para que a área cresça e se consolide, não é possível esquecer que é feita não somente de pesquisadores, mas também de discentes, docentes e profissionais — não só tradutores e intérpretes, mas também editores, livreiros e críticos, conforme lembra Lefevere (1992, 1992a, 1992b). Há uma certeza, porém, que é à própria academia que compete buscar caminhos para os Estudos da Tradução e Interpretação, pois somente a academia usufrui de um espaço privilegiado para fazê-lo. Não é só o GT de Tradução da ANPOLL que tem consciência disso, os organizadores do X Encontro Nacional de Tradutores e IV Encontro Internacional de Tradutores colocam com toda a veemência a questão, ao centralizá-la como tema e indagação do evento — “Nas trilhas da tradução: para onde vamos?” Só resta esperar que encontremos a resposta.

REFERÊNCIAS

ABRAPT- Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução e UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto - X Encontro Nacional de Tradutores e IV Encontro Internacional de Tradutores. Disponível em: http://www.iti.org.uk/ice/uploadedFiles/730_10%20ENTRAD%20-%201a%20circular.pdf. Acesso em 28 jan. 2009.

AGUIAR, Ofir Bergemann de. *Abordagens teóricas da tradução*. Goiânia, GO: Editora da Universidade Federal de Goiás (UFG), 2000.

ALVES, Fábio. A triangulação como opção metodológica em pesquisas empírico-experimentais em tradução: os protocolos verbais. IN: PAGANO, Adriana Silvina (org.) *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001. (Estudos Lingüísticos 3) p. _____. (ed.) *Triangulating translation: perspectives in process oriented research*. Amsterdã; Filadélfia: John Benjamins, 2003. _____

GONÇALVES, José Luiz (orgs.) *Relevância em tradução: perspectivas teóricas aplicadas*. Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

_____. e AZENHA, João, GT de Tradução da ANPOLL: Relatório de gestão da coordenação biênio julho 2004 - julho 2006. Disponível em: <http://letra.letras.ufmg.br/gttrad/>. Acesso em 28 jan. 2009.

_____. MAGALHÃES, Célia M. e PAGANO, Adriana. *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. São Paulo, SP: Contexto, 2000.

_____. e SCHEIBLE, Ingeborg. H. J. Vermeer: A teoria da funcionalidade (*skopos*theorie) e a supremacia da finalidade. IN: VIEIRA, Else Ribeiro Pires (seleção e organização). *Teorizando e contextualizando a tradução*. Belo Horizonte, MG: Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da FALE/UFMG, 1996, pp. 173-183.

ARROJO, Rosemary, *Oficina da tradução: a teoria na prática*. São Paulo, SP: Ática, 1986. _____. *O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas, SP: Pontes, 1992. _____. *Tradução, desconstrução e psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1993.

BAKER, Mona (ed.) *Encyclopedia of Translation Studies*. Londres; Nova Iorque: Routledge, 1998. _____. Página pessoal, Centre for Translation and Intercultural Studies, The University Of Manchester, 2006. Disponível em: <http://www.llc.manchester.ac.uk/ctis/aboutus/staff/baker/>. Acesso em 27 jan. 2009. _____. *Linguística e estudos culturais: paradigmas complementares ou antagônicos nos estudos da tradução?* Tradução, Marcia A. P. Martins e Patrícia Broers-Lehmann. IN: MARTINS, Marcia A. P. (org.) *Tradução e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro, RJ: Lucerna, 1999, p. 15-34.

BARBOSA, Heloisa Gonçalves. A tradução, seus modelos teóricos e sua prática cotidiana. *Cadernos de Letras* (16) 2001, Departamento de Letras Anglo-Germânicas, Faculdade de Letras, UFRJ, pp. 345-359. _____. A formação do tradutor/intérprete e sua inserção no mercado. Trabalho apresentado na mesa-redonda sobre o tema “Perspectivas para o Ensino da Tradução”, no IX Encontro Nacional de Tradutores e III Encontro Internacional de Tradutores, ABRAPT, Fortaleza, CE, 2004. Não publicado. _____. Associações profissionais de tradutores e intérpretes: história e práticas, comunicação apresentada no GT de Tradução da ANPOLL, no XXI Encontro Nacional da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística), realizada de 19 a 21 de julho de 2006, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-S. Paulo). Não publicado.

_____. A pesquisa em tradução no país – uma radiografia da plataforma Lattes, conicação apresentada durante as atividades do GT de Tradução da ANPOLL, durante o XXIII Encontro Nacional da ANPOLL, na Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2 a 4 de julho de 2008. Não publicado.

_____. e ESTEVES, Lenita Maria Rimoli. Relatório do GT de Tradução relativo ao biênio julho 2006/junho 2008. Disponível em: <http://letra.letras.ufmg.br/gttrad/>. Acesso em 28 jan. 2009.

BASSNET-MCGUIRE, Susan. *Translation Studies*. Londres: Methuen, 1980.

_____. e André Lefevere, eds. *Translation, History and Culture* Londres: Pinter, 1990.

_____. e Harish Trivedi, eds. *Post-Colonial Translation: Theory and Practice*. Londres; Nova Iorque: Routledge, 1999.

_____. *Comparative Literature: A Critical Introduction*. Oxford: Blackwell, 1993.

CAMARGO, Diva Cardoso de. *Metodologia de pesquisa em tradução e linguística*. Coleção Brochuras 1. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica; São José do Rio Preto, SP: Laboratório Editorial do IBILCE, UNESP, 2007.

CAMPOS, Haroldo de. A poética da tradução. IN: _____. *A arte no horizonte do provável*. São Paulo, SP: Perspectiva, 1972. _____. Da tradução como criação e como crítica. IN: --- _____. *Metalinguagem*. São Paulo, SP: Cultrix, 1976.

CNPq. Áreas do conhecimento. 2009. Disponível em: <http://www.cnpq.br/areasconhecimento/8.htm> <http://www.cnpq.br/areasconhecimento/index.htm>. Acesso em: 28 jan. 2009. _____. Áreas e programas - Nova tabela das áreas do conhecimento.

CNPQ memória, site desativado em 2006. Disponível em: <http://www.memoria.cnpq.br/areas/cee/proposta.htm>. Acesso em: 28 jan. 2009.

DERRIDA, J. Signature, événement, contexte. IN: DERRIDA, J. *Limited Inc.*, Tradução E. Weber. Paris: Galilée, 1972/1990, pp. 17-51. _____. *The Ear of the Other: Otobiography, Transference, Translation*, ed. por C. V. McDonald, Tradução P. Kamuf. Nova Iorque: Schocken Books, 1985.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem Theory, *Poetics Today* 1 (1979), 287-309.

FERREIRA, Élica e OTTONI, Paulo (orgs.) *Traduzir Derrida: políticas e desconstruções*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

FROTA, Maria Paula. *A singularidade na escrita tradutora*. Campinas, SP: Pontes, 2000.

GENTZLER, Edwin. *Contemporary Translation Theories*. Londres e Nova Iorque, Routledge, 1993.

GONÇALVES, José Luiz Vila Real. Pesquisas empírico-experimentais em tradução: os protocolos verbais. IN: PAGANO, Adriana Silvina (org.) *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001. (Estudos Linguísticos 3) p. 13-39.

GUTT, Ernst-August. *Translation and Relevance: Cognition and Context*. Oxford: Basil Blackwell, 1991.

HERMANS, Theo, ed. *Second Hand: Papers on the Theory and Historical Study of Literary Translation*. Antwerp: ALW, 1985. _____. *The Manipulation of Literature, Studies in Literary Translation*. Londres: Croom Helm, 1985. _____. et al., *Literature and Translation: New Perspectives in Literary Studies*. Leuven: Acco, 1978.

_____. *The Nature of Translation: Essays on the Theory and Practice of Literary Translation*. ThHague: Mouton 1970.

_____. *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdam: Rodopi, 1988.

HOUSE, Juliane. *A Model for Translation Quality Assessment*. Tübingen: Gunter Narr, 1981.

LAMBERT, José e VAN GORP, Hendrik. On Describing Translations. In: HERMANS, Theo (ed). *The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation*. Londres; Sidney: Croom Helm, 1985, 42-53.

LAROSE, Robert. *Théories contemporaines de la traduction*, 2. ed. Sillary, Québec: Presses de l'Université du Québec, 1989.

LEFEVERE, André, ed. *Translation/History/Culture: A Sourcebook*. Londres: Routledge, 1992.

_____. *Literary Knowledge: A Polemical and Programmatic Essay on Its Nature, Growth, Relevance and Transmission*. Assen: Van Gorcum, 1977.

_____. *Translating Literature: Practice and Theory in a Comparative Literature Context*. Nova Iorque: The Modern Language Association of America, 1992a.

_____. *Translating Literature: The German Tradition from Luther to Rosenzweig*. Amsterdam: Van Gorcum, Assen, 1977.

_____. *Translating Poetry: Seven Strategies and a Blueprint*, *Approaches to Translation Studies*, Nr 3. Assen, Amsterdã: Van Gorcum, 1975.

_____. *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. Londres: Routledge, 1992a.

MAGALHÃES, Célia M. Pesquisas textuais/discursivas em tradução: o uso de *corpora*. IN: PAGANO, Adriana Silvina (org.) *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001. (Estudos Lingüísticos 3) p. 93-116.

MARTINS, Marcia A. P. Apresentação. IN: MARTINS, Marcia A. P. (org.) *Tradução e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro, RJ: Lucerna, 1999, pp. 7-14.

MILTON, John (ed.) *Crop*, n. 6, p.1-286. São Paulo, 2001. Special Edition. Emerging Views on Translation History in Brazil.

MOUNIN, Georges. *Les belles infidèles*. Paris: Cahiers du Sud, 1955.

_____. *Les problèmes théoriques de la traduction*. Paris: Gallimard, 1963.

_____. *Linguistique et traduction*. Bruxelas: Dessart et Mardaga, 1976.

_____. *Teoria e Storia della Traduzione*. Turim: Einaudi, 1965.

ROTHE-NEVES, Rui. Medidas em tempo real para estudos experimentais em tradução: explorando o programa *Translog*. IN: PAGANO, Adriana Silvina (org.) *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001. (Estudos Lingüísticos 3) pp. 41-67.

NOVO MICHAELIS Dicionário Ilustrado. 9ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

OTTONI, Paulo (org.) *Tradução: a prática da diferença*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; FAPESP, 1998.

_____. *Tradução manifesta: double bind & acontecimento, seguido de Fidelidade a mais de um: merecer herdar onde a genealogia falta, de Jacques Derrida*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; São Paulo, SP: EDUSP, 2005.

PAGANO, Adriana Silvina. As pesquisas historiográficas em tradução. IN: PAGANO, Adriana Silvina (org.) *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001. (Estudos Lingüísticos 3), p. 117-146.

_____. MAGALHÃES, Célia e ALVES, Fábio (orgs.) *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte, MG: Editora da UFMG, 2005.

PYM, Anthony. Why translation studies should learn to be homeless. IN: MARTINS, Marcia A. P. (org.) *Tradução e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro, RJ: Lucerna, 1999, p. 35-51.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. *Tradução e diferença*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

RÓNAI, Paulo, *Escola de Tradutores*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde,

1952.

_____. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: EDUCOM [Educação e Comunicação Editora], 1976.

SNELL-HORNBY, Mary. *Translation Studies: An Integrated Approach*. 1. ed. 1988. Edição revista. Amsterdã, John Benjamins, 1995.

SCHÄFFNER, Cristina. *Skopos theory*. IN: BAKER, Mona (ed.) *Encyclopedia of Translation Studies*. Londres; Nova Iorque: Routledge, 1998, pp. 235-238.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Ueber die verschiedene Methoden des Uebersetzens. IN: HEIDERMAN, Werner (org.) *Clássicos da teoria da tradução*. Antologia bilíngue. Vol I. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001, pp. 26-86.

_____. Sobre os diferentes métodos de tradução. IN: HEIDERMAN, Werner (org.) *Clássicos da teoria da tradução*. Antologia bilíngue. Vol I. Tradução de Margarete Von Mühlent Poll. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001, pp. 27-87.

SINTRA – Sindicato Nacional dos Tradutores. Valores praticados, 2009. Disponível em: <http://www.sintra.org.br/site/index.php>. Acesso em 28 jan 2009.

SOBRAL Adail. Assinado-tradutores: O blog dos tradutores BRASILEIROS. comunicação apresentada durante as atividades do GT de Tradução da ANPOLL, durante o XXIII Encontro Nacional da ANPOLL, na Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2 a 4 de julho de 2008.

SPERBER, Dan and Deirdre Wilson. *Relevance: Communication and Cognition*. Oxford: Blackwell, 1986.

TAYLOR, James L. *A Portuguese-English Dictionary*. Stanford: Stanford University Press, 1970.

TOURY, Gideon. Translation, Literary Translation and Pseudotranslation, *Poetics Today* (1979) 1:2, pp. 287-309.

_____. In Search of a Theory of Translation, Meaning & Art 2, Targum, *Studies in Translation Theory*. Tel Aviv: Porter Institute for Poetics and Semiotics, Tel Aviv University, 1980.

_____. Translated Literature; System, Norm, Performance - Toward a TT-Oriented Approach to Literary Translation. *Poetics Today* (1981) 2:4, pp. 9-27.

_____. A Rationale for Descriptive Translation Studies. In: HERMANS, Theo (ed.) *The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation*. Londres; Sidney: Croom Helm, 1985, 16-41.

_____. *Translation Across Cultures*. Nova Deli: Buhri Publications, 1987.

_____. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdã; Filadélfia: John Benjamins, 1995.

VENUTI, Lawrence, ed., *Rethinking Translation: Discourse, Subjectivity, Ideology*. Londres; New York: Routledge, 1992.

_____. The Translator's Invisibility, *Criticism* n. 2 (1986), pp. 179-212.

_____. *The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference*. Londres: Routledge, 1998.

_____. *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. Londres: Routledge, 1995.

VIEIRA, Else Ribeiro Pires (seleção e organização). *Teorizando e contextualizando a tradução*. Belo Horizonte, MG: Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da FALE/UFMG, 1996.

VINAY, Jean-Paul and Jean Darbelnet. *Stylistique comparée du français et de l'anglais: méthode de traduction*. Paris: Didier, 1958.

_____. *Comparative Stylistics of French and English: A methodology for translation*. Trad. Juan C. Sager and M. J. Hamel. Amsterdã; Filadélfia: John Benjamins, 1995.

WEBSTER'S Online Dictionary with Multilingual Thesaurus Translation. Disponível em: <http://www.websters-dictionary-online.org/translation/portuguese/terreiro>. Acesso em: 23 jan. 2009.

WILLIAMS, Jenny e CHESTERMAN, Andrew. *The Map: A Beginner's Guide to Doing Research in Translation Studies*. Manchester: St Jerome, 2002.

WYLER, Lia. A Promising Research Ground: Translation Historiography in Brazil. *Meta: journal des traducteurs. Meta: Translators' Journal*. V. 50, n. 3, agosto 2005, p. 851-857. Disponível em: <http://www.erudit.org/revue/META/2005/v50/n3/011600ar.html>